



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO CORRENTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
E.M.E.B. “JORNALISTA GRANDUQUE JOSÉ”

Rua Marechal Deodoro, 815 – Bairro Centro – Ribeirão Corrente - SP. CEP: 14445-000 - Fone: (16) 3749.1017
Ato de Criação: Lei Municipal Nº 986, de 20 de março de 2008
Email - granduquejose@educacao.sp.gov.br

**ATIVIDADES DE HISTÓRIA 9º ANOS A e B – 3º BIMESTRE – 2020 Período de
Estudo em Casa - Distanciamento Social – Covid-19
22ª SEMANA – 14 a 18 de Setembro DE 2020
PROFESSOR Roger do Carmo Duque.**

*LEIA O TEXTO COM ATENÇÃO E RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO.

* ENVIAR A FOTO DA ATIVIDADE PARA O PROFESSOR ATÉ O DIA
18/09/2020. TEL(WHATSAPP) DO PROF. ROGER PARA CONTATO: 16 9 9373
8378.

Governo de Juscelino Kubitschek(1956 – 1961)

Após a morte de Vargas, assumiu o governo seu vice, Café Filho. Em 1955, houve eleições e Juscelino Kubitschek (JK) venceu para presidente e João Goulart (Jango) para vice. Apesar de uma significativa oposição conservadora à posse de JK, seu governo conseguiu forte apoio popular e foi hábil em unir diferentes grupos e tendências garantindo relativa estabilidade, já que concluiu o mandato democraticamente, apesar de toda divisão entre liberais e nacionalistas. Formou-se, para muitos, uma verdadeira “era de ouro do País”.



Plano de Metas e a construção de Brasília: Juscelino Kubitschek estabeleceu 31 objetivos, divididos em seis áreas de atuação: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e a construção de Brasília (a “metassíntese”). O alicerce era o que chamou de

“capitalismo associado” (também chamado de **nacional-desenvolvimentismo**), ou seja, o Estado deveria intervir no desenvolvimento da indústria de base, sobretudo em siderurgia, estradas e energia, ao passo que as empresas privadas (nacionais ou estrangeiras), por sua vez, deveriam ter condições de promover a indústria de bens de consumo, principalmente, automóveis, eletrodomésticos e telefonia. Para Juscelino, “o que interessava era ‘onde está a fábrica’ e não “onde mora o acionista”, como comentou seu economista Roberto Campos (Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 422). Não é à toa que JK é associado ao entreguismo liberal, pois facilitou a chegada das multinacionais ao País, ainda que com certas ações semelhantes ao nacionalismo getulista. Portanto, estabeleceu um caminho de conversação e diálogo entre os dois lados. Para garantir o desenvolvimento econômico, utilizou largamente a instrução 113 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), já decretada no governo de Café Filho, favorecendo a importação de equipamentos industriais para garantir os maquinários e a entrada de capital estrangeiro em busca de um rápido crescimento do setor. Em 1959, rompeu com o FMI, que exigia, cada vez mais, o controle dos gastos públicos. O desenvolvimentismo era pensado até mesmo para o problema crônico da seca no Nordeste – em 1959 criou a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (**SUDENE**). O setor de alimentação foi relegado porque envolvia a reforma agrária, e o presidente percebeu que o Congresso podia não aprovar o Plano de Metas, em virtude de posição histórica contrária a mudança nas relações do campo no País. A solução foi então abrir um novo espaço para as questões do campo:

As mobilizações dos trabalhadores rurais reivindicavam terras e direitos. A administração de JK, por sua vez, via no campo a parte atrasada e tradicional do Brasil, não apresentava solução para a questão agrária, e considerava como alternativa deslocar populações da área rural e absorvê-las nas cidades. O descompasso era grande e de difícil solução. Ainda em 1956, Juscelino recorreu ao Plano de Metas e fez da construção de Brasília a metassíntese: uma cidade inteiramente planejada, que pretendia representar o esforço de afirmação da nacionalidade e o desejo de integração do interior ao centro, do País ao mundo, da tradição ao moderno. A construção de Brasília forneceu ao governo de Kubitschek e ao Plano de Metas um símbolo compreensível pela população. (Idibem, p. 426).

Esse símbolo de modernidade e integração foi planejado, arquitetonicamente, por Oscar Niemeyer e, urbanisticamente, por Lúcio Costa. A capital no interior do país atendia a três questões centrais. Na área militar, conferia maior segurança contra ameaças externas. No plano econômico, seria capaz de absorver parte da população sofrida do Nordeste e promover o desenvolvimento econômico do Centro-Oeste, já que a capital demandaria serviços por lá, por fim, na política, impediria que as pressões políticas do Sudeste alcançassem facilmente o governo federal, atrapalhando a governabilidade. Finalmente, em **21 de abril de 1960, data do aniversário do “descobrimento” do Brasil por Cabral, era inaugurada Brasília.**



Brasília nos anos 60.

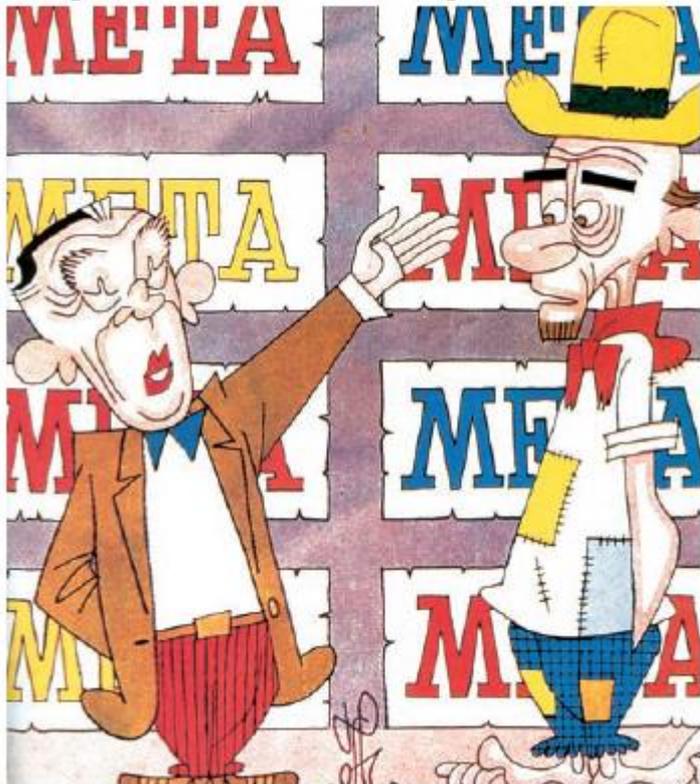
Resultados do Plano de Metas: Não foi só de Brasília que JK colheu frutos. Ao longo do seu governo, o crescimento do PIB manteve-se a uma taxa anual de 7%, devido ao enorme aumento da produção industrial, que, entre seus cinco anos de governo, foi expandida em 80%. Além disso, o crescimento era tanto que se construiu a rodovia Belém-Brasília e iniciou-se o projeto da Universidade de Brasília.

O maior exemplo desse grande salto industrial, de qualquer forma, foram as indústrias automobilísticas multinacionais, instaladas no ABC Paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano), como a Willys Overland, a Ford, a Volkswagen e a General Motors. Em 1960, essas quatro grandes empresas produziram 78% dos 133 mil veículos da frota do País.

No entanto, nem tudo foi positivo. Efeitos negativos também ficaram evidentes no balanço do quinquênio de JK. O excesso de gastos do governo gerou crescimento do déficit orçamentário de menos de 1% do PIB, em 1954-55, para 2%, em 1956, e 4%, em 1957. O índice da inflação, por sua vez, atingiu 39,5%, sobretudo por causa do aumento dos gastos com o funcionalismo público, as novas relações de câmbio, a emissão de moeda e a facilidade de concessão de crédito. Por fim, era enorme o aumento da dívida externa, que não era barata. Na prática, como analisam as historiadoras Schwarcz e Starling:

“O Plano de Metas viabilizou as condições para o ingresso do Brasil num estágio avançado de industrialização, mas sem criar condições reais para isso. Na pressa de mudar o patamar de desenvolvimento do País, em apenas cinco anos, Kubitschek improvisou: investiu na aceleração do crescimento sem avaliar o financiamento do processo. E optou pelo atalho, facilitando a entrada de capitais externos no País, por meio da concessão de privilégios fiscais e econômicos, e aceitando depender de financiamentos internacionais para acelerar o crescimento industrial. Os atalhos acarretaram em três tipos de prejuízo. O

primeiro foi a relativa facilidade com que empresas estrangeiras assumiram o controle de setores do desenvolvimento econômico brasileiro. O segundo veio com o aumento constante dos déficits da balança de pagamentos, seguido da consequente ampliação da dívida externa. O terceiro resultou da decisão de crescer com inflação.” (Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 423).



Meta de Faminto: JK – Você agora tem automóvel brasileiro, para correr em estradas pavimentadas com asfalto brasileiro, com gasolina brasileira.

Que mais quer?

JECA – Um prato de feijão brasileiro, seu doutô!

Atividades

- 1 – O que foi o Plano de Metas de JK?
- 2 – O que foi nacional-desenvolvimentismo de JK?
- 3- Brasília foi projetada por quem?
- 4 – Quais os benefícios ao transferir a capital do Brasil para o interior?
- 5 – Em que data foi inaugurada Brasília?
- 6 – Quais os resultados do Plano de Metas?

OBS: RESPONDA AS QUESTÕES NO VERSO DA FOLHA